



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**ANA PAULA PEREIRA**

**TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO:  
ERA DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR E PRÁTICA NA AULA DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

**GUARABIRA/PB  
2017**

**TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: ERA DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR E  
PRÁTICA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANA PAULA PEREIRA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, apresentado como requisito à obtenção do título de graduada em licenciatura plena em Letras-Português.

**Orientador:** Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins.

**GUARABIRA/PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P426t Pereira, Ana Paula.  
Tecnologia na educação [manuscrito] : era digital no contexto escolar e prática na aula de língua inglesa / Ana Paula Pereira. - 2017.  
35 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras - CH."

1. Era Digital. 2. Tecnologia Digital. 3. Aprendizagem. 4. Nativos Digitais. 5. Relação professor/aluno.

21. ed. CDD 371.3

ANA PAULA PEREIRA

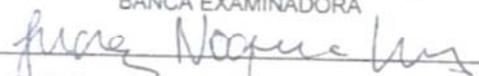
**TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO:  
ERA DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR E PRÁTICA NA AULA DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Ensino de Língua Portuguesa

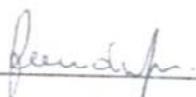
Aprovada em: 30, 11, 2017

BANCA EXAMINADORA



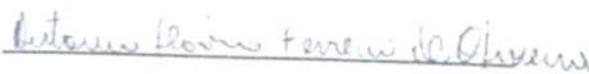
Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB)

A Deus, acima de tudo, por todas as oportunidades que me deu. À minha família, que sempre me motivou a ir em frente. E a todos que, de alguma forma, me estenderam a mão nesse percurso.

## AGRADECIMENTOS

A Deus em todos os momentos, pois tenho certeza que sem ele, eu não teria essa nova oportunidade.

A minha mãe, Helena, que fez o possível e o impossível por mim, que abriu mão de si para que eu chegasse ao mais longe nessa jornada.

Aos meus avós, José Felipe e Paulina (*in memoriam*), que nos acolheram e estiveram comigo, sempre, até o fim.

Ao meu irmão, João Paulo, que, até hoje, me socorre em minhas encrencas.

A Arlan Jefferson, que me aguentou em boa parte do percurso, incentivou-me e foi um companheiro mais que perfeito.

À UEPB, pela oportunidade de fazer parte de seu quadro discente, que me proporcionou a aprendizagem necessária para exercício da docência.

Ao meu orientador, Juarez Nogueira Lins, pela paciência nesse período e por me aceitar de volta. Em muitos momentos o senhor foi um pai para mim.

As minhas amigas/mães do coração: Maria José Tomaz e Maria das Dores Justos. Em muitos momentos não sei o que seria de mim sem vocês.

A todos os que participaram, de alguma forma benéfica ou não, desse processo, que compreenderam que, às vezes, existem coisas maiores que nós e, por isso, só cheguei aqui agora.

Obrigada!

# TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: ERA DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR E PRÁTICA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

PEREIRA, Ana Paula

## RESUMO

Todas as pessoas do século atual estão inseridas, direta ou indiretamente, na Era Digital, período em que a realidade online e a off-line estão praticamente integradas. Tornou-se natural o uso diário dos recursos da tecnologia digital disponíveis em todos os contextos sociais, desde as relações pessoais aos contextos profissionais e de aprendizagem. Mas a dificuldade tem sido compreender como inserir os elementos da tecnologia digital no contexto escolar de forma coesa aos objetivos do processo de ensino/aprendizagem. Para alcançar este objetivo propôs-se a análise da atual situação dentro de duas instituições de ensino: A Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão e a Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho, identificando os personagens da Era Digital. Como principal público das instituições de ensino na atualidade, tenta-se compreender como se comportam os Nativos Digitais, dialogando sua cultura ao contexto escolar. Além das teorias de Palfrey (2011), Chalita (2009), Rojo (2012) e outros, buscou-se entender a real situação dentro das escolas, dando voz aos professores a partir de uma pesquisa quantitativa, para identificar em que grupo da Era Digital os docentes se inserem, e qualitativa em que suas respostas foram dialogadas com a teoria demonstrando suas opiniões pessoais e práticas docentes, bem como a relação professor/aluno. Por fim foi relatado uma prática em que se obteve êxito na utilização do aplicativo whatsapp como ferramenta de aprendizagem em Língua Portuguesa, demonstrando que é possível a inserção sem perdas na aprendizagem.

Palavras-chave: Era Digital. Tecnologia digital. Aprendizagem. Nativos Digitais. Relação professor/aluno.

## ABSTRACT

All the people of the present century are inserted, directly or indirectly, in the Digital Age, a time when online reality and offline are practically integrated. The daily use of digital technology resources has become natural in all social contexts, from personal relationships to professional and learning contexts. But the difficulty has been to understand how to insert the elements of digital technology into the school context in a way that is coherent with the objectives of the teaching / learning process. In order to reach this objective, the analysis of the current situation within two educational institutions was proposed: The State School of Desembargador Amaro Beltrão and the State School Professor José Soares de Carvalho, identifying the characters of the Digital Era. As the main audience of educational institutions today, we try to understand how the Digital Natives behave, by talking their culture to the school context. In addition to the theories of Palfrey (2011), Chalita (2009), Rojo (2012) and others, we sought to understand the real situation within the schools, giving teachers a quantitative survey to identify the age group Digital teachers are inserted, and qualitative in that their responses were dialogued with the theory demonstrating their personal opinions and teaching practices, as well as the teacher / student relationship. Finally, it was reported a practice in which the success of using the *Whatsapp* application as a learning tool in Portuguese language was demonstrated, demonstrating that it is possible to insert without loss in learning.

Keywords: Digital Age; Digital technology; Learning; Digital Natives; Teacher / student relationship.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ano de nascimento dos professores .....	17
Gráfico 2 - Classe econômica dos professores durante a Educação Básica .....	18
Gráfico 3 - Métodos tradicionalistas durante o ensino básico .....	19
Gráfico 4 - Instituição de formação no Ensino Superior .....	19

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Auto avaliação docente quanto ao conhecimento dos recursos tecnológicos .....	20
--	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Posição quanto ao uso dos recursos tecnológicos em sala de aula .....	21
Quadro 2 - Utilização dos recursos tecnológicos por parte dos docentes .....	22
Quadro 3 - Presença constante dos recursos digitais no ambiente escolar: prejudicial ou benéfico? .....	24

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1</b>	<b>TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OS NATIVO DIGITAIS NA SALA DE AULA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1</b>	<b>Era Digital: Nativos, Imigrantes e Colonizadores Digitais</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>Os Nativos Digitais .....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A VISÃO DOCENTE SOBRE A ERA DIGITAL EM SALA DE AULA .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Aspectos metodológicos .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>Apresentação dos dados da pesquisa .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2.1</b>	<b>Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão .....</b>	<b>16</b>
<b>3.2.2</b>	<b>A voz dos docentes .....</b>	<b>17</b>
<b>4</b>	<b>INSERÇÃO NA ERA DIGITAL: A PRÁTICA .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1</b>	<b>A prática: relato de experiência didática .....</b>	<b>25</b>
<b>4.1.1</b>	<b>Resultados da proposta .....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES GERIAS .....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>31</b>
	<b>APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores ..</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

A sociedade como um todo, sofreu ao longo dos anos transformações que modificaram sua estrutura. Desde costumes, tradições e crenças, ao modo como as pessoas interagem mutuamente e com o meio, tudo se modificou ao longo das décadas. Um dos motivos para essas mudanças foi o advento das tecnologias. Desde a criação de métodos de comunicação a distância (cartas, telegramas), até as mensagens instantâneas na atualidade, o ser humano acompanha e busca criar novos e diversificados meios de comunicação e aprendizagem.

A instituição escolar, vista como o local comum em que ocorrem a maioria das interações culturais e intelectuais das crianças e jovens, sofre com seus profissionais em um desafio em relação à necessidade de diversificação em suas práticas em face da contínua utilização das tecnologias digitais na maioria dos contextos sociais em que os educandos estão inseridos. Para tanto, é necessário vislumbrar o conceito atual de tecnologia na educação, tornando possível entender a importância dessa inserção dos métodos pedagógicos na Era Digital. Para a análise, foram tidos como fonte teórica Gabriel Chalita (2009), que amplia a dimensão da relação professor x aluno com a junção da tradição com a novidade. Em consonância vem Silva (2001) que aponta a necessidade de reavaliar a temporalidade em sala de aula. Outro importante referencial é Kenski (2007) que discorre de forma acessível sobre a questão da educação e novas tecnologias.

No segundo ponto, destacam-se os personagens inseridos na Era Digital e a forma de se portar de cada um deles neste contexto, dando ênfase aos Nativos Digitais principal público presente nas instituições de ensino na atualidade. A partir deste entendimento, ocorreu a pesquisa com docentes relatada no terceiro tópico. Nela, buscou-se entender a visão dos docentes sobre a Era Digital, como eles estão inseridos nela e como ela interfere em suas práticas docentes. Os dados coletados juntamente com o diálogo com as teorias, principalmente a de Palfrey (2011), puderam mostrar um pequeno panorama da realidade atual. Por fim, para mostrar que é possível práticas que se inserem na realidade da Era Digital, há o relato de uma prática realizada na Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho em Guarabira – PB, com o uso do *Whatsapp* como ferramenta didática no ensino de Língua Portuguesa.

## 1 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A instituição de ensino é uma extensão da sociedade. Neste espaço, geralmente, os adultos encaminham suas crianças para a aprendizagem de conteúdos curriculares esquematizados, descobertos e acumulados pela humanidade ao longo de toda sua existência. Cada período histórico deu destaque ao que era considerado o mais avançado em tecnologia, o que trouxe maiores ganhos à sociedade em termos de poder intelectual e financeiro. Dessa forma, observamos que o auge da tecnologia no século XXI são os recursos digitais.

Dessa forma, a escola não pode se isentar do uso dessa tecnologia em seu cotidiano. Como é possível excluir algo que os educandos estão em contato diário desde a mais tenra idade? Uma das funções sociais da escola é encaminhar o educando ao conhecimento do mundo que o cerca e as formas de lidar com essa realidade. É possível observar as mudanças comportamentais daqueles que estão imersos na Era Digital. De alguma maneira, seu raciocínio torna-se mais rápido e dinâmico. Resta encontrar uma maneira dessas características serem aproveitadas pelos docentes de forma a aumentar o rendimento de suas aulas.

Para os discentes, o esclarecimento quanto a essas formas e métodos de aprendizagem possibilita um estreitamento na relação entre professor x aluno. Segundo Chalita (2009)

A convivência entre professores e alunos só será possível se, para ambos, resultar claro que, apenas pelo vínculo do compromisso, da responsabilidade e do respeito mútuos, o processo de ensino-aprendizagem poderá cumprir efetivamente seu papel. [...]Mestres e aprendizes ensinam e aprendem. A diferença está na experiência, no tempo do preparo, na maturidade. (p. 19)

A postura do docente em respeitar esse ponto da realidade do discente, orientando-o à novas formas de aprendizagem através de um recurso que este já conhece, representa uma atitude respeitosa face aos saberes e conhecimentos múltiplos de cada um. Nunca se deve esquecer de que a aprendizagem é uma troca de saberes em que o docente pode aprender tanto quanto o discente e, na maioria dos casos, eles estão mais habituados ao uso dos recursos da tecnologia digital.

É válido destacar que tal prática não deve excluir as práticas tradicionais. A ideia de uma escola atual, apta às diversas aprendizagens, é aquela em que há a mescla de práticas, saberes e suportes pedagógicos. Tal postura é defendida por Silva (2001), ao afirmar que:

O impacto das transformações do nosso tempo obriga a sociedade, e mais especificamente os educadores, a repensarem a escola, a repensarem sua temporalidade. E continua. Vale dizer, precisamos estar atentos para a urgência do tempo e reconhecer que a expansão das vias do saber não obedece mais a lógica vetorial. É necessário pensarmos a educação como um caleidoscópio, e perceber as múltiplas possibilidades que ela pode nos apresentar, os diversos olhares que ela nos impõe, sem contudo, submetê-la à tirania do efêmero. (p. 37)

É necessário adequar-se ao novo contexto e aos novos educandos, no entanto, mantendo alguns itens e atitudes consideradas tradicionais em face dessa nova dimensão da educação. Deve-se estar atento a influência pessoal dentro do contexto da sala de aula, lembrando sempre que

Educação é um conceito amplo que se refere ao processo de desenvolvimento onilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas-físicas, morais, intelectuais, estéticas tendo em vista a orientação da atividade humana na sua relação com o meio social, num determinado de contexto relações sociais (LIBÂNEO, 2013, p.22).

O processo educativo é algo tão complexo que a influência do docente pode modificar diversos fatores da formação do indivíduo. Orientar para a melhor forma de lidar com os contextos em que o discente está inserido, sejam eles reais ou digitais, provoca alterações benéficas ou não nos conceitos citados por Libâneo (2013).

Justificando o não abandono de práticas consideradas tradicionalistas, podemos apontar exames como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou a Prova Brasil em que a avaliação é tradicional, levando-se em consideração que as provas são físicas e não mediadas por recursos online. Em face disto o educando precisa adequar-se aos elementos analógicos presentes em seu mundo. Palfrey destaca que:

Encontramo-nos em um período de transição. As ferramentas digitais vão achar seu lugar nas escolas e bibliotecas. [...] a parte difícil, durante a transição, será discernir o que preservar da

educação tradicional e o que substituir por novos processos e ferramentas digitalmente mediados.(2011, p. 284)

Os investimentos atuais em tecnologia na educação como o PROINFO, que oferta cursos e aparelhos como *netbooks* e *tablets* aos professores; o projeto do Governo do Estado da Paraíba, que distribui *tablets* aos alunos e outros equipamentos para as escolas; e, ainda, o Sistema Saber, na Paraíba, implementado no ano de 2017 em que todos os acompanhamentos do diário de classe da rede estadual de ensino são feitos em uma plataforma online, em tempo real. Todas essas iniciativas corroboram para esse novo panorama na educação: um ambiente de aprendizagem e misto, apoiado em tecnologia com seus hipertextos e a necessidade de multiletramentos para os profissionais docentes e os educandos.

Outra atitude fundamental do educador é a orientação para a seleção de materiais, pois, com a grande quantidade de conteúdos disponíveis, é necessário que o educando aprenda a diferenciar e a selecionar os melhores conteúdos, mídias e fontes para sua aprendizagem. Essa tarefa pode ser um espelho da prática do docente, justificando-se que a diversidade e a não banalização de alguns materiais escolhidos servem de modelo para a pesquisa dos educandos. Essa prática também estreita a relação professor x aluno quando o docente se abre à aprendizagem e às sugestões que seus educandos o trazem com o intuito de contribuir em sua formação, empregando o princípio da autonomia discente.

Segundo todo o exposto, práticas verticais, em que o professor é a fonte de todos os saberes e o educando é apenas o receptor desses saberes, já não são mais viáveis. O que deve ocorrer é um processo de aprendizagem coletivo em que professor e alunos são atuantes e protagonistas no processo educativo. A abordagem em que a teoria, o aprendido no currículo escolar, relaciona-se com a realidade que cerca o aprendiz, é a melhor solução para um maior aproveitamento da vida escolar e os recursos tecnológicos são um dos meios mais viáveis para este fim. Aqui insere-se a prática da cidadania:

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos na sociedade da informação. O amplo acesso e o amplo uso de novas tecnologias condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de gestão e das metodologias utilizadas na prática educacional. (KENSKI, 2004, p.92)

A inserção dessa diversidade de recursos no contexto escolar e da variação de práticas educativas vem contribuindo de expressivamente na aprendizagem e isso é visto de diversas formas, como: 1. o desenvolvimento de diversas habilidades sensoriais voltadas a aprendizagem que antes eram utilizadas para fins de recreação, o que aumenta o nível de cognição dos educandos; 2. aumento do contato com materiais diversos e formas distintas de pensar e abordar o mesmo assunto, que enriquece o repertório de conhecimento dos discentes; 3. propostas de produção, transformação e publicação dos resultados da aprendizagem dos mesmos, através das redes sociais das instituições de ensino e dos próprios educandos.

## **2 OS NATIVOS DIGITAIS NA SALA DE AULA**

Para que possamos entender o porquê dessas mudanças no contexto escolar de acordo com a Era Digital, precisamos conhecer o público para o qual essas mudanças ocorrem. Toda a adaptação e busca de formas para inserção desses recursos está voltada para os chamados Nativos Digitais. Estes convivem com os grupos de Imigrantes e Colonizadores Digitais e é necessário encontrar um ponto de equilíbrio nesta relação para que haja o mínimo de atrito possível.

### **2.1 Era Digital: Nativos, Colonizadores e Imigrantes Digitais**

Vivemos em uma realidade, chamada Era Digital, que é estranha aos nascidos antes de 1980. Nesse período há o início dos nascimentos dos “Nativos digitais”, ou seja, os nascidos na Era Digital e, por excelência, dominantes dos meios de interação e comunicação online existentes desta data até hoje. No entanto esse fato não é uma via de regra. Alguns indivíduos podem ter nascido neste período, mas alguns fatores impossibilitam seu acesso a recursos digitais.

Podemos classificar em três grupos os usuários dos recursos da tecnologia digital: Nativos, Colonizadores e Imigrantes Digitais. Sendo separados os Colonizadores e os Imigrantes pelo seguinte:

Algumas pessoas mais velhas estavam ali no início, os Colonizadores Digitais – não nativos do ambiente digital, porque cresceram em um mundo apenas analógico, mas que ajudaram

a moldar seus contornos. Estas pessoas mais velhas também estão online e, muito sofisticadas no uso dessas tecnologias, ainda continuam a se basear muito nas formas tradicionais e analógicas de interação. Outras estão menos familiarizadas com esse ambiente, os Imigrantes Digitais, que aprenderam tarde na vida a mandar e-mails e usar as redes sociais. (PALFREY, 2011, p. 13)

Ao focarmos em participantes ativos desta realidade, e em sua maioria Nativos Digitais, observamos mudanças nas formas de interação contemporâneas, estudo e trabalho. Para os educandos, o tradicional lápis, caderno e quadro não os atrai; as conversas online substituem os passeios com os amigos, os jogos e as brincadeiras das crianças dão lugar aos *video games* e jogos de realidade virtual. Todos esses pontos modificaram o funcionamento e a estrutura da sociedade como um todo e, conseqüentemente, a escola.

## 2.2 Os Nativos Digitais

Alguns dos professores que lecionam atualmente nasceram na Era Digital, porém o Brasil teve uma inserção digital tardia, dificultando o contato desses indivíduos com o meio tecnológico. Ao entrar na sala de aula deve-se ter em mente que:

estes garotos são diferentes. Eles estudam, trabalham, escrevem e interagem com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles [...] Os principais aspectos das suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. E não conheceram nenhum modo diferente. (PALFREY, 2011, p. 12)

Então como situar a prática, a intervenção pedagógica do professor para com o aluno em uma prática apenas tradicionalista, sem adentrar nessa realidade em que vivem os educandos? Como afirma Chalita (2001, p. 21) “A sala de aula deve ser um espaço de construção, em que o amor seja o liame entre o passado e o futuro.” Entender que o aluno rebelde pode ser extremamente bom em um jogo online e digita muito nos chats, que o garoto do fone de ouvido é um entendedor de artes diversas, e tantos outros casos particulares de indiferença ou rebeldia, que afrontam a postura do professor tradicionalista, fará com que o docente ache os caminhos para aproximar-se e descobrir o melhor método de aprendizagem para eles, sem contudo aceitar desrespeito na relação professor x aluno.

A educação decorre de um movimento interno, influenciado por ambientes externos. O aluno deve ser instigado, motivado a aprender. [...] o professor não deve desprezar as ideias próprias que seus alunos têm sobre as coisas que trazem consigo para a sala de aula. Elas estão ali, esperando alguém, cujo conhecimento, experiência e habilidade sejam capazes de lapidá-las, ajudando a realizar a transformação que se espera do verdadeiro processo de aprendizagem. (CHALITA, 2001, p. 37-38)

Para os alunos familiarizados com docentes que buscam sempre impor os conteúdos curriculares apenas de forma tradicional, com o quadro ou o livro didático, não sabem como agir diante de mudanças. Qual a surpresa ao descobrir que seu professor joga o mesmo jogo online? Ou que o conteúdo pode dialogar com o último lançamento dos cinemas? Tais fatos desestabilizam a postura defensiva e passiva em sala de aula despertando o interesse que está internalizado apenas aguardando o estímulo correto. Chalita justifica da seguinte forma “Dada a heterogeneidade dos estudantes, cabe aos educadores usar estímulos diferentes para seduzir e encantar os alunos que são diferentes” (2001, p. 43)

Em seu estudo publicado no livro *Nascidos na Era Digital*, Palfrey explica a postura desses discentes, justificando todas essas modificações que os professores observam em sala de aula, porém sentem dificuldade em contornar. Segundo ele:

Ao contrário de muitos Imigrantes Digitais, os Nativos Digitais passam grande parte da vida online, sem distinguir entre o online e off-line. Em vez de pensarem em sua identidade digital e na sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (com representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam usando tecnologias digitais, sua tendência a multitarefas, os modos como se expressam e se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais, e seu padrão de uso da tecnologia para ter acesso, usar conhecimento e novas formas de arte. (2011, p. 14)

Não há atualmente uma forma de educação escolar direcionada a esse público em que haja a exclusão das tecnologias digitais. Práticas que insistem em deixar a margem os conhecimentos e as experiências pré-escolares dos discentes acabam gerando maiores conflitos e divergências em que a responsabilidade recai apenas na figura do professor. O melhor é atualizar-se buscando conhecimentos acerca desse contexto tão familiar aos nossos discentes Nativos Digitais.

### **3 A VISÃO DOCENTE SOBRE A ERA DIGITAL NA SALA DE AULA**

Para que identificar a categoria da Era Digital dos docentes, os processos de interação e os conhecimentos acerca da tecnologia digital voltada à aprendizagem no ambiente educativo por parte dos mesmos, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão, em Mulungu-PB.

#### **3.1 Aspectos Metodológicos**

Como campo de pesquisa com os docentes, foi escolhida a Escola Desembargador Amaro Beltrão para uma pesquisa quantitativa e qualitativa com os docentes a partir de um questionário sobre o tema. O questionário apresenta 5 questões fechadas com o intuito de coletar informações precisas para comparação de dados como: ano de nascimento e situação financeira da família na educação básica, e 4 questões abertas, buscando a auto avaliação dos discentes e suas opiniões sobre a inserção da Era Digital no contexto escolar e como isso influencia suas práticas.

#### **3.2 Apresentação dos dados da pesquisa**

Como parte importante da avaliação destacam-se o local da pesquisa, os dados coletados e a comparação de dados dialogando com as teorias.

##### **3.2.1 Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão**

A instituição de ensino onde ocorreu a pesquisa com os docentes está localizada em Mulungu – PB. Com estrutura construída em 1956, mantém-se como uma das principais escolhas dos pais para matricular seus filhos em nível Fundamental I e II. Possui em sua estrutura física 5 salas de aula que comportam até 40 alunos, sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado) que atende alunos com necessidades especiais do Amaro e de outras escolas, secretaria que também é a sala dos professores, refeitório, cantina e 8 banheiros.

Os principais problemas apontados são a falta de acessibilidade para portadores de necessidades especiais físicas e a falta de uma quadra, pois, a que existe, está danificada e não possui cobertura. Por ser uma escola que costuma

integrar a comunidade escolar, recebe inúmeras reivindicações de pais e alunos, para a implementação do Ensino Médio. Por ser de pequeno porte e possuir uma boa equipe docente e de apoio mantém-se com poucos problemas de gestão. Em relação aos recursos da tecnologia digital, há acesso à internet com Wifi, 39 netbooks disponibilizados pelo governo do estado, 2 datashows comprados com recursos próprios, 1 notebook e 2 computadores de mesa utilizados na secretaria da escola; esses recursos estão disponíveis para professores e alunos com necessidade de solicitação prévia para que não ocorra possíveis choques de horários entre os docentes, possibilitando o acesso a todos da comunidade escolar.

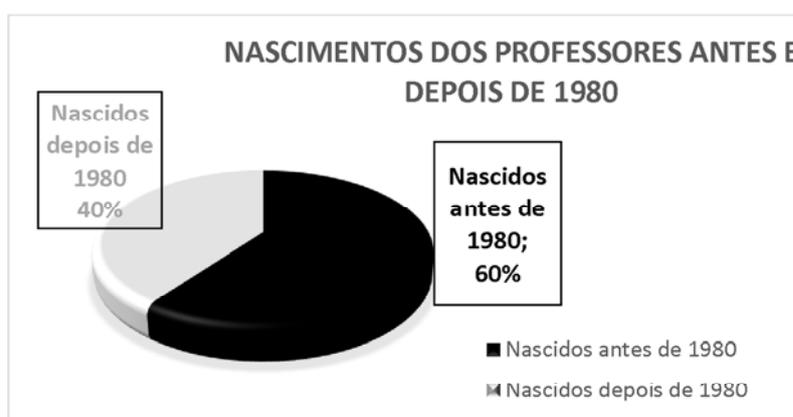
### 3.2.2 A Voz dos docentes

Para que se tenha uma real noção da opinião dos docentes em relação à presença desses recursos em sala de aula e no cotidiano dos alunos, foi feita uma pesquisa com alguns discentes da Escola Estadual Desembargador Amaro Beltrão, no intuito de dar voz às opiniões de quem convive com essa realidade diariamente.

Foram entrevistados 5 professores de diferentes idades e com formações variadas. Esta escolha possibilita à análise de dados de pessoas que podem diferenciar o *corpus* da pesquisa de acordo com o que conhecem, em que geração se encontram, a classe econômica da família durante a formação básica e os estímulos recebidos durante sua formação básica e superior.

Na amostra pesquisada, podemos identificar os seguintes dados:

**Gráfico 1 – Nascimento dos professores antes e depois de 1980**

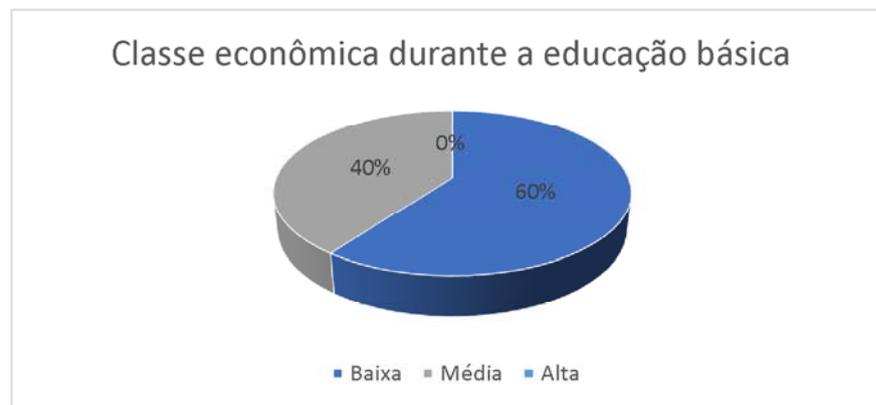


Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Apenas 2 dos professores nasceram depois de 1980 (a professora E 1985 e a professora E em 1995), ano considerado início dos nascimentos dos Nativos Digitais. o professor A nasceu em 1977, a professora B 1979 e a professora C em 1962, correspondendo aos nascidos anteriormente essa data. Esse dado pode interferir na forma em que o docente lida com o uso da tecnologia digital em sala de aula enquadrando-o aos grupos de Colonizadores, Imigrantes ou Nativos digitais.

Em relação à renda familiar na época de formação básica, os docentes se declararam da seguinte forma:

**Gráfico 2** – Classe econômica dos professores durante a Educação Básica



Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Apenas 40% docentes declararam-se da classe média: a professora C e a professora E; enquanto os outros 60% declararam-se classe baixa: o professor A, a professora B e a professora C. Há alguns anos não havia muito incentivo nas escolas, principalmente nas públicas, para a inserção de recursos digitais no processo educativo. Então as famílias com uma melhor situação financeira colocavam seus filhos em cursos de informática ou forneciam aparelhos da tecnologia da época. As famílias de baixa renda não possuíam recursos para tais medidas dificultando o contato das crianças e jovens com o mundo digital.

Sobre o método de ensino na educação básica, foi pedido que eles identificassem como tradicionalista ou não. No gráfico, observa-se que todos os professores tiveram formação sob o método tradicionalista na educação básica. Apenas a professora D afirmou que “no Ensino Médio começou a variar, mas por

iniciativa dos alunos”. Quando isso ocorre é mais complicado ter uma visão sob dois ângulos (aluno/professor) dificultando a prática docente.

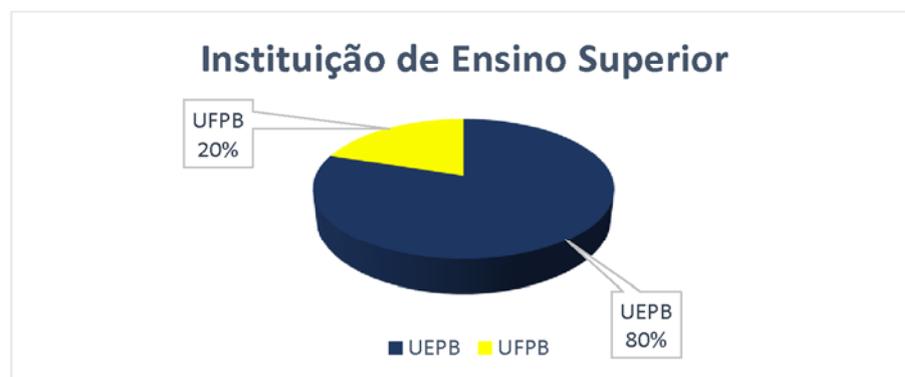
**Gráfico 3 – Métodos tradicionalistas no Ensino Básico**



Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Ainda sobre a formação dos docentes, foi questionado quais seus cursos e qual a instituição de formação superior. Em sua maioria formaram-se na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): o professor A em Geografia, a professora C em História, a professora D em Letras Português e Direito e a professora E em Letras. Apenas a professora B formou-se na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em Pedagogia.

**Gráfico 4 – Instituição de formação no Ensino Superior**



Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Nas grades de conteúdo de ambas instituições não há disciplinas específicas voltadas à inserção de recursos da tecnologia digital em sala de aula. Os alunos universitários adaptam-se aos sistemas e itens tecnológicos para acompanhar o

curso. Alguns começam seu contato com a Era digital neste momento. Os professores aplicam os recursos em suas aulas, mas não há algo específico para a orientação à docência com essas funcionalidades. Imaginem o aluno sem o contato com esses recursos na educação básica condicionado a uma nova realidade, metodologia e dinâmica de sala no ensino superior? Como hoje esta questão segue em constante mudança, o mais adequado seria haver disciplinas voltadas à prática docente com recursos da tecnologia digital em todos os cursos de licenciatura.

Um processo que deve ser empregado pelo docente de forma constante, é a auto avaliação: voltar-se para si e sua prática, tentando identificar falhas e acertos, o que demanda uma grande maturidade pessoal e profissional. Foi questionado aos docentes qual seu nível de conhecimento em tecnologia digital de 1 a 10. Nenhuma resposta coincidiu com as demais. De forma aberta, além do questionário, foi questionado o porquê da afirmação daquele número. Dos que escolheram de 7 abaixo, houve a seguinte afirmação: “minha formação não ajudou a entender, pois na minha época não havia a facilidade de ter as coisas como hoje; as crianças estão praticamente nascendo com celulares nas mãos, minha família não tinha recursos” (professora C). A professora E afirmou conhecer s recursos tecnológicos em nível 9. Questionada falou o seguinte: “Apesar de na infância não ter o contato que vejo os jovens tendo hoje, assistia muita TV e lia muito. Tive contato com celular cedo e quando fiz curso e informática tentei absorver o máximo. No início da adolescência estava o auge das *lan houses* então fui aprendendo e utilizando como ferramenta de aprendizagem. Foi muito de forma autônoma”.

**TABELA 1: Auto Avaliação docente quanto ao conhecimento dos recursos tecnológicos**

Docente	Nível de conhecimento em tecnologia digital
A	6
B	7
C	5
D	8
E	9

Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Outra questão que remete à auto avaliação docente foi a seguinte: **Como docente, qual o seu posicionamento quanto ao uso dos recursos tecnológicos em sala de aula? Justifique sua resposta.**

**QUADRO 1:** Posição quanto ao uso dos recursos tecnológicos em sala de aula

<b>Professor A:</b> É importante, pois temos que acompanhar a evolução tecnológica tendo em vista que estamos lidando com uma geração digital.
<b>Professora B:</b> É relevante, pois são recursos que favorecem a aquisição de informações e contribuem para o aprendizado intelectual e cognitivo do indivíduo, além de uma abordagem significativa de mundo e busca do desenvolvimento vasto de conteúdos contemplado no meio tecnológico.
<b>Professora C:</b> É válido, melhora a aprendizagem.
<b>Professora D:</b> deve ser utilizado. Pois, atuar em sala de aula nos dias atuais sem fazer uso dos recursos tecnológicos é não se adequar à nova realidade e ficar na mesmice do ensino tradicional.
<b>Professora E:</b> Deve ser adaptado a realidade da instituição de ensino, perfil de u turma e assunto trabalhado. Sem analisar em seus planejamentos esses fatores, o professor pode usar esses recursos por usar, sem ter uma finalidade clara.

Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Todos os participantes da pesquisa, independente das diferenças nos dados anteriores, concordaram neste item. Os relatos são todos positivos quanto ao uso dos recursos tecnológicos em sala, mesmo por parte daqueles que sentem dificuldade na utilização ou possuem pouco conhecimento na área. Afastar-se disso ou negar sua existência, desgastará a relação professor/aluno ou dificultará a aprendizagem destes, podendo trazendo à tona os riscos que a internet possui. Palfrey aponta a importância dos docentes, assim como a dos pais, no processo de imersão dos Nativos Digitais na Era Digital. A melhor maneira é entendendo a importância disto no processo educativo, em primeiro lugar.

Os pais e professores estão na linha de frente. Eles têm a maior responsabilidade e o papel mais importante a desempenhar. Mas, frequentemente, os pais e professores não estão sequer envolvidos nas decisões que os jovens estão tomando. Eles se isolam de seus jovens Nativos Digitais porque as barreiras de linguagem e culturais são muito grandes. O que esperamos dos pais e dos professores que estão se sentindo distantes dos Nativos Digitais é que os valores e o bom senso tradicionais que

serviram bem a eles no passado tenham grande ressonância também neste mundo novo. (PALFREY, 2011, p. 20)

No mundo digital, principalmente no Brasil, existe o conceito de “Terra de ninguém” onde a liberdade de navegação, sem orientação e supervisão de professores ou pais, pode gerar muitos problemas as crianças e aos adolescentes. Identificar os benefícios da inserção no contexto escolar e inserir os recursos da tecnologia digital, pode diminuir o uso irresponsável.

A pergunta seguinte, questão 7, está relacionada a anterior. Ainda como recurso de auto avaliação, o questionamento quer identificar se os mesmos docentes que defendem o uso dos recursos da tecnologia digital, os utiliza em sala de aula e qual a finalidade desse uso.

**QUADRO 2:** Utilização de recursos tecnológicos em sala por parte dos docentes

<p><b>Professor A:</b> Sim, com a finalidade de dinamização das aulas e atrair a atenção dos alunos.</p>
<p><b>Professora B:</b> Sim, internet, vídeos, Datashow, computador. Promover um aprendizado diferenciado com o apoio a tecnologia. Promoção da diversidade do uso das novas tecnologias para desenvolver um aprendizado diferenciado e conhecimento vasto de conteúdos contemplados no meio tecnológico.</p>
<p><b>Professora C:</b> Não.</p>
<p><b>Professora D:</b> Sim, Tv, Datashow, caixa de som, vídeos, celulares e outros. Busco contribuir para a aprendizagem a partir dos suportes que eles já conhecem.</p>
<p><b>Professora E:</b> Na maioria das intervenções o Datashow e caixa de som para reproduzir conteúdo multimídia em sala. Também utilizo os celulares para pesquisas e produção de conteúdo (texto, fotos, vídeos) e os netbooks da escola para pesquisas, produção de conteúdo e simulados online. Inicialmente para que eles entendam que esses suportes podem ser muito mais úteis que apenas para lazer, em termos educacionais busco o estímulo a autonomia dos discentes no processo de aprendizagem.</p>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Apenas a professora C afirmou “não utilizar” os recursos da tecnologia digital em sala de aula. Questionada, esclareceu que “não possui intimidade com eles e sente dificuldade para inseri-los em sua prática”. A resposta se relaciona com a da questão 5, em que os docentes avaliaram seu conhecimento em tecnologia a docente, em uma escala de 1 a 10, avaliou-se em 5. O professor B respondeu de forma que remete à recreação, porém isso também se justifica por sua auto avaliação de conhecimento em tecnologia (nível 6) e a turma que rege (3º ano do ensino Fundamental). Os demais participantes da pesquisa afirmam utilizar recursos variados e justificam como apoio para o processo de ensino-aprendizagem. Para Serafim (2011) “É essencial que o professor se aproprie da gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes sejam sistematizados em sua prática pedagógica.” (p. 18). Desta forma, quando válido ou necessário, os recursos da tecnologia digital podem aumentar o aproveitamento no processo educativo. A internet é um ambiente riquíssimo de conteúdo, mas se mal interpretados ou selecionados podem ser altamente maléficos na formação dos jovens. Para Palfrey

Os professores também têm uma enorme responsabilidade quando se trata do desafio da qualidade das informações enfrentado por aqueles nascidos digitais. Apesar das boas intenções e de iniciativas promissoras, a mídia e o currículo de conhecimentos sobre as informações ainda têm de ser amplamente distribuídos. Este passo é necessário se quisermos ser bem-sucedidos no preparo dos jovens, Nativos Digitais ou não, para lidar como os desafios da qualidade das informações online. (2011, p.203)

A questão 8 pergunta ao docente sobre os recursos que a escola disponibiliza. Para que o professor consiga planejar suas aulas, ele precisa saber que recursos estão disponíveis para inserção. Todos afirmaram que há o datashow e os netbooks, mesmo os que afirmam não utilizarem. A professora B, a professora D e a professora E, apontam outros recursos como: TV, caixas de som, Internet Wifi e câmera. Exatamente essas docentes declararam o uso mais incisivo dos recursos em sala de aula.

A última questão está voltada à realidade em que os discentes estão o tempo inteiro conectados. Pede que os docentes exponham suas opiniões sobre isso e se consideram prejudicial para a aprendizagem. As respostas foram as seguintes:

**QUADRO 3:** Presença constante dos recursos digitais no ambiente escolar: prejudicial ou benéfico?

<p><b>Professor A:</b> De certa forma ajuda, pois, os alunos estão antenados nas informações do cotidiano. Entretanto esses celulares se posicionam como fortes concorrentes dos professores na relação professor/aluno.</p>
<p><b>Professora B:</b> Depende da forma que está sendo utilizado na sala de aula de forma que não interfira de forma prejudicial na aprendizagem, é interessante se utilizado para fins educativos.</p>
<p><b>Professora C:</b> Acho muito bom para melhorar seus conhecimentos, só não sei como usar.</p>
<p><b>Professora D:</b> Normal, pois estamos vivendo no momento tecnológico. Não considero prejudicial se for dosado na medida certa. Cabe ao professor usar isso ao seu favor. Exemplo: já pedi aos alunos que pesquisassem textos e, em sala, trabalhamos juntos usando os celulares.</p>
<p><b>Professora E:</b> Pode ser benéfico ou maléfico dependendo do uso. A interatividade possibilitada pelos recursos tecnológicos ajuda a aprendizagem e serve de escape para o estresse do cotidiano. Tudo deve ser equilibrado. O educando deve ser orientado a entender que há essas possibilidades.</p>

Fonte: Pesquisa realizada pela autora 11/2017

Novamente, todos os professores consideram benéfica a presença dos recursos tecnológicos no cotidiano, neste caso os celulares dos alunos. O depoimento da professora C chama a atenção para uma combinação comum no contexto escolar: professores que não tiveram acesso à tecnologia atual em sua formação, nascidos antes de 1980, com pouco conhecimento na área, mas que reconhecem a importância e tentam aceitar a presença no contexto escolar, embora não saibam como inserir em sua própria prática, caracterizando-se como Imigrantes Digitais. Alguns docentes possuem as características iniciais, no entanto buscaram adequar-se à nova realidade e caracterizam-se como Colonizadores Digitais. Os demais docentes foram coerentes com suas respostas anteriores, demonstrando que estão confortáveis com a situação, contanto que haja equilíbrio. Este equilíbrio ocorrerá quando ficar claro que

Pais e professores precisam se tornar uma parte muito maior da solução, e logo. Neste exato momento, as coisas estão se encaminhando na direção errada, com um enorme abismo entre muitos pais, professores e crianças, e muito alarmismo no

discurso público sobre em que os Nativos Digitais estão envolvidos online. Só podemos nos tornar partes efetivas da solução imergindo no problema – pelo menos o suficiente para entender um pouco do que está acontecendo na cultura digital. (PALFREY, 2011, p.127)

Não há como manter-se à margem dessa realidade. Nem tão pouco, ser omissos e seu papel de educador deixando que seus discentes mergulhem na cultura digital sem nenhum tipo de orientação, seja pessoal ou pedagógica.

#### **4 INSERÇÃO NA ERA DIGITAL: A PRÁTICA**

No presente estudo, foi destacado o uso de diversos recursos da tecnologia digital, principalmente no contexto escolar e para fins educacionais. Com base em toda a pesquisa houve a aplicação de métodos propostos, levando-se em consideração o público alvo e os objetivos de tal proposta. Descrevemos, a seguir, o uso do WhatsApp, como suporte no processo de ensino-aprendizagem, enfatizando a inserção da proposta e descrevendo todo o processo.

##### **4.1 A prática: relato de experiência didática**

Durante o ano de 2015, o grupo de Pibidianos do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, observou que o aplicativo WhatsApp era uma boa ferramenta de interação e aprendizagem para nós e nossos discentes. A escolha de trabalhar esse aplicativo com a turma foi pela praticidade, o baixo custo e alta disseminação dos conteúdos ali compartilhados. Essa iniciativa caracteriza uma mudança de postura diante do uso das novas tecnologias e ensino e, também, estreitar a relação, por vezes conflitante, entre professor e aluno. Sabemos que não podemos perpetuar as práticas há muito instauradas, em que a razão está apenas com o docente e onde as novidades da sociedade são abolidas do contexto escolar.

A proposta foi apresentada à turma do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual José Soares de Carvalho. A turma era bastante diversa, composta por 25 alunos e a maioria gostava de estar conectados em tempo integral. Ou seja, perfil perfeito para o projeto. Para iniciarmos o projeto, a proposta foi apresentada à equipe PIBID LETRAS – UEPB para aceitação e definição dos objetivos e metodologia. Na reunião foram definidos 4 objetivos:

1. Dinamizar a relação da turma com a equipe e a professora;
2. Compartilhar conteúdos de forma dinâmica propondo exposição de opinião, debates e incentivando à aprendizagem;
3. Conferir o retorno acerca dos assuntos trabalhados em sala;
4. Analisar a linguagem “internetês” x “informal incorreta”.

Após aprovado o projeto, apresentamos aos alunos da turma escolhida. Acreditem: houve receio por parte deles. Para a turma possuir tal contato com a figura do professor, é como a “invasão de um predador em seu habitat natural”. Porém, logo essa barreira foi vencida. Recolhemos os números dos alunos e montamos o grupo denominado “Os vencedores”, no qual os sete componentes do PIBID LETRAS – UEPB eram os administradores. O grupo foi criado dia 17 de maio de 2015 e desde então tornou-se canal de debate e interação em que os alunos conversavam, faziam pesquisas, postavam, recebiam conteúdo do currículo e extracurricular, sempre prezando pelo bom funcionamento e harmonia do grupo.

Com calma, escolhemos alguns *posts* relacionados aos assuntos e que podiam interessar a eles, assim incentivamos a participação e os próprios alunos passam a fazer *posts* e abrir debates entre si. Além de poderem tirar dúvidas sobre exercícios e questionários aplicados. A equipe propôs-se a analisar como está a relação e fazer *prints* para análise posterior, inclusive com os próprios alunos em sala de aula.

#### 4.1.1 Resultados da proposta

Em dois anos foi possível identificar resultados significativos. Um dos que merece destaque é a maior participação de alunos que em sala são bastante reservados. No grupo, eles passaram a expressar opiniões consistentes e colaborar com as discussões e pesquisas. Isso demonstrou uma melhoria nas relações interpessoais da turma.

O reconhecimento, por parte dos discentes, de que esse canal aberto com o PIBID LETRAS – UEPB era benéfico para eles, foi notado. Eles tiraram dúvidas, fizeram as pesquisas solicitadas e diferenciaram muito bem o que é correto na internet “internetês” e o que é uma linguagem incorreta, inadequada a qualquer situação

comunicacional das qual fazemos parte. Observou-se que eles, sendo nativos da era tecnológica, possuem um grande domínio em relação às linguagens e aos conteúdos inseridos nas possibilidades do aplicativo. Nesse quesito, talvez a maioria dos alunos esteja muito mais multiletrada que os professores, por isso a dificuldade de uma interação nesse campo. É necessário o conhecimento constituinte do multiletramento para compreender as multimodalidades e multisemióses textuais que estão presentes na maioria dos textos que circulam na sociedade.

No entanto, essa dificuldade se fez inexistente. Essas novas características textuais facilitaram (e muito) o andamento de nosso projeto, pois possibilitaram a interação por hiperlinks e hipertextos que auxiliam na aprendizagem e compartilhamento de ideias em todo o grupo. Ao postar links com conteúdos de sites, portais ou blogs, eles automaticamente podem entrar na rede pelo provedor de internet do celular e ter acesso a esses materiais.

Um exemplo que podemos destacar, foi o link de um vídeo do Youtube relacionado ao Ultrarromantismo Brasileiro de uma obra de Álvares de Azevedo, sobre o conflito de Ariel e Caliban. Logo que postado, o link pôde facilmente ser acessado por eles através da rede de dados ou *Wi-fi*. Aos poucos, o conhecimento vem sendo construído em conjunto e quanto maior a participação e interação deles mais satisfatório será o resultado final, pois propomo-nos a exercitar de forma benéfica um conhecimento já intrínseco a eles, direcionando-o a aprendizagem. Possibilidade desconhecida deles que, aos poucos, vem tornando-se rotineira.

Esse tema rendeu ricas discussões, pois ao ser o tema abordado em sala naquele período, os alunos mostraram que estavam aprendendo sobre o Romantismo Brasileiro e simultaneamente interagiam tanto presente, como virtualmente. Com isso podemos ver que a aprendizagem móvel pode ter êxito, trazer as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) para o âmbito escolar pode ocasionar resultados benéficos no tocante ao ensino/aprendizagem. No intuito de instigar sobre tal assunto, foi proposto um desafio.

Percebemos a assiduidade e engajamento dos alunos no projeto perante essas respostas, que, por sinal, estão coerentes: justificadas e exemplificadas. Desse modo, o Whatsapp aqui não está sendo usado de maneira banal, sem finalidades, está sendo

usado como uma ferramenta eficaz para facilitar, com sua versatilidade, o processo de ensino e aprendizagem.

A escolha do aplicativo *WhatsApp*, justifica-se por este fazer parte da cultura do nosso alunado e também sofrer preconceito sendo rechaçado do ambiente escolar. O uso corrente do aplicativo gera uma não aceitação por parte dos que não participam dessa cultura, denominada cultura digital. Segundo Lemos (2012), é um conjunto de informações interligadas com dimensão planetária em que todo o arcabouço de conhecimento está disponível para acesso. Como nossa proposta embasa-se no multiletramento para formação do alunado de forma crítica e como indivíduos menos “fragmentados”, corroboramos com Rojo (2012), que afirma

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos. (p. 8)

Assim, podemos inserimo-nos na realidade dos discentes renovando-a e propondo um novo uso ao que já é por eles dominado.

Mas porque o foco nessa capacidade? Simples. Pela necessidade de enfoque em dois importantes tipos de multiplicidade: a cultural e a semiótica. Dificilmente em contextos urbanos encontraremos uma cultura fechada, sem interação ou mistura com outra; e os textos que partem delas para comunicação sofrem constantemente o processo denominado por Marcuschi de *imbricação*, definida como:

Uma relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contexto sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias e de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante. (2001, p. 35)

Neste ponto, encontramos a dificuldade possuída por aqueles que não conseguem dominar essas práticas textuais tão difusas que não podem ser definidas claramente. Rojo (2012) define esse processo compreensivo de forma simples: “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades

e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para se fazer significar” (p.19).

Pelos resultados do projeto, podemos identificar que é possível quebrar a barreira formada pelo “rápido crescimento dos usos da internet e o desenvolvimento de aplicações e serviços dela decorrentes [que] atropelam os sujeitos da educação.” (PEIXOTO, 2015, p. 319). Além disso, a proposta do DCN (2013) é o uso da tecnologia juntamente com o trabalho, a ciência e a cultura “como base da proposta e do desenvolvimento curricular no Ensino Médio” (p. 162).

## **5 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

A imersão da sociedade em geral na Era Digital, modifica uma série de costumes e modos em diversos meios. Por essa razão, as instituições de ensino não podem se excluir da realidade vigente. Em face disso, o estudo realizado possui grande importância para as pessoas que se envolvem com a educação escolar e necessitam entender e se adequar ao que hoje é comum em sala de aula.

Todo o processo de pesquisa e coleta de dados com o objetivo de entender como funcionam as escolas na Era Digital resultou-se muito proveitosa. O estudo sobre a presença e as características da realidade atual no contexto escolar tornou claro que muitos fatores como ano de nascimento, situação financeira e formação do docente interfere em sua prática na sala de aula e no modo que lida com os recursos da tecnologia digital em seu cotidiano.

Independente do atraso na chegada das novas tecnologias ao Brasil em anos atrás, sabemos que hoje estamos acompanhando o avanço da tecnologia mundial. Além disso, as pesquisas e o projeto apresentado aqui foram empregados e desenvolvidos em locais onde os indivíduos estão inseridos de forma ativa na era atual. Sabe-se que em alguns locais (tanto na zona rural, quanto urbana) possuem restrições quanto ao acesso dos indivíduos a tecnologia e a cobertura de rede. Talvez com o esclarecimento deste trabalho e outros sobre o tema, haja incentivo para modificação deste quadro presente em muitos lugares do país.

Sobre a pesquisa, observa-se uma combinação de fatores que levam tanto ao uso das tecnologias digitais quanto ao não uso de forma aberta por parte dos docentes. Os docentes B, D e E são cronologicamente mais novos, consideram-se mais conhecedores da tecnologia e em consequência utilizam de forma ativa os recursos em sala de aula. Já os docentes A e C, que nasceram um pouco antes de 1980 e consideram-se com baixo índice de conhecimento em tecnologia, possuem dificuldade na utilização ou não utilizam. Isso demonstra que o professor está fiel ao que leciona, visto que considera capaz de aplicar o que sabe. Porém é necessária uma abertura para essa nova realidade, talvez com o apoio dos próprios Nativos Digitais, como sugere Palfrey.

Outro ponto que pode ser relevante é a questão econômica familiar. Na pesquisa identificamos que em meio aos docentes isso não foi um grande influenciador, pois os docentes C e E afirmam ser de classe média; contudo a docente C diz não dominar a tecnologia e não aplicar em suas aulas, enquanto a docente E afirma que domina e aplica delimitando os objetivos em sala. Hoje esse fator também não pode ser considerado forte, pois muitas escolas estão proporcionando o acesso a esses itens por parte de alunos de baixa renda. Isso os integra aos hábitos da sociedade atual dando-lhes novas oportunidades.

Sobre o projeto desenvolvido, reafirma-se que o perfil de turma era adequado a aplicação. Todos os estudantes possuíam os recursos da tecnologia digital necessários à aplicação e se disponibilizaram para a participação. Pelos resultados, apresentados é possível observar o alcance dos objetivos e o sucesso da proposta que estreitou laços professor/aluno e trouxe maior índice de aprendizagem, ao menos no que tange a Língua Portuguesa.

Isto prova que esta e tantas outras práticas que inserem os recursos da tecnologia digital no cotidiano escolar pode ser benéfico nos fatores citados anteriormente. É preciso que os discentes entendam que existe essa possibilidade e que os docentes capacitem-se para melhor atender as necessidades que os Nativos Digitais e as tecnologias que os acompanham tenham espaço e entendimento dentro do processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1979]. P. 261-306
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho pleno. **Resolução CNE/CP 21/2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne>; acesso em: 18 set. 2016.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2013.
- CASCARELLI, Carla. RIBEIRO, Ana Elisa. (ORG.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. - 3 ed. – Belo Horizonte; Ceale: Autêntica, 2011.
- CHALITA, Gabriel. Aprendendo com aprendizes: a construção de vínculos entre professores e alunos. São Paulo: Cirando Cultural, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias no ensino presencial e à distância. 2. Ed. Campinas: Papyrus, 2004 (Série Prática Pedagógica)
- \_\_\_\_\_. Educação e tecnologias: o ritmo da informação. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.
- LEMONS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PALFREY, John. Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de Nativos Digitais. Tradução: Magda França Lopes; Revisão Técnica: Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre: Grupo A, 2011.
- PEIXOTO, Joana. **Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos: uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias**. In: Revista Brasileira de Educação. v. 20. n.61. abr-jun. Rio de Janeiro: ANPED, 2015.
- PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- PIMENTA & LIMA, Maria do Socorro L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2010.
- PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants**. On the Horizon, Bradford, v. 9, n. 5, 2001.
- ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial. 2012.
- ROJO, Roxane. BARBOSA, Jacqueline P.. Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015 (Série Estratégias de Ensino 51)
- SERAFIM, Maria Lúcia. SOUSA, Robson Pequeno de. Multimídia na educação: o vídeo digital integrado ao contexto escolar. In: SOUSA, Robson Pequeno de. MOITA,

Filomena da M. C. da S. C.. CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. (Orgs). Tecnologias Digitais na Educação. P. 17-48

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo; novas tecnologias e educação contemporânea. In: \_\_\_\_\_(org.) Novas Tecnologias: educação e sociedade na era da informática. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Letramento**: *um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica, 1998.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1985.

## APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores

1. Qual o ano em que você nasceu?

---

2. De sua infância à adolescência qual a condição financeira de sua família? (classenbaixa, média, alta). \_\_\_\_\_

3. Você considera sua formação básica tradicionalista?

---

4. Qual o seu curso superior? Qual a instituição de ensino?

---

5. De 1 a 10 qual seu nível de conhecimento em tecnologia?

---

6. Como docente, qual o seu posicionamento quanto ao uso de recursos tecnológicos em sala de aula? Justifique sua resposta.

---

---

---

7. Você utiliza algum recurso da tecnologia digital em suas aulas? Qual (is) e com que finalidade?

---

---

---

8. A escola possui algum recurso de tecnologia digital disponível? Qual(is)?

---

---

9. Os alunos estão sempre conectados e com celulares de última geração. Qual sua opinião sobre isso? Considera prejudicial para a aprendizagem?

---

---

